

# Diversão & Arte

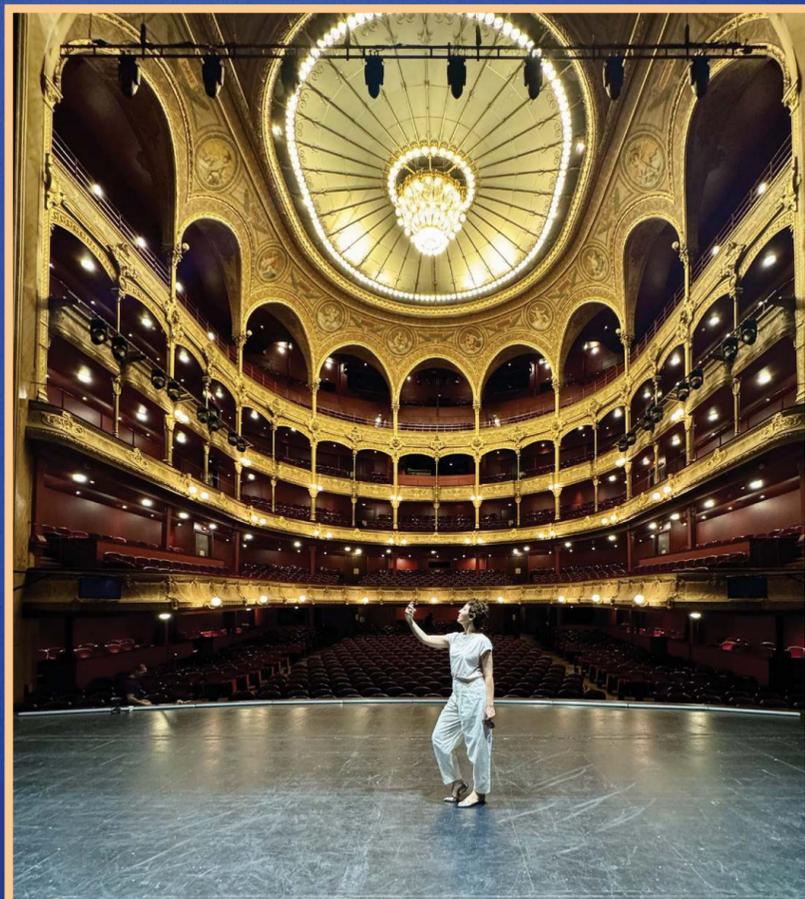
## Brasília PALCOS NÓS FRANCESES



Assum preto,  
Coletivo  
Instrumento de Ver



Cia. Lumiato apresentou  
Iara na França, como parte  
da programação do Ano  
Cultural Brasil-França



Ligiana Costa no palco do  
Théâtre du Châtelet

**LIGIANA COSTA, A CIA. LUMIATO, O COLETIVO INSTRUMENTO DO VER E A COMPANHIA NÓS DO BAMBU OCUPAM LUGAR DE DESTAQUE NA PROGRAMAÇÃO DO ANO CULTURAL BRASIL-FRANÇA**

» NAHIMA MACIEL

O teatro brasileiro ganhou um lugar de destaque na programação do Ano Cultural Brasil-França, que fez de 2025 um ano de trocas entre os dois países com uma agenda de apresentações dos dois lados do Atlântico. Outubro e setembro serão meses agitados para as companhias brasileiras. A Cia. Lumiato, a Instrumento do Ver e a Nós do Bambu têm encontro marcado com o público francês em uma série de apresentações em Paris e Toulouse. E no início do mês, a cantora e diretora Ligiana Costa encantou o Théâtre du Châtelet, um dos palcos mais tradicionais da cena parisiense, com um espetáculo sobre duas brasileiras geniais que acabaram apagadas na história da música brasileira.

A apresentação em outubro será a segunda da Cia. Lumiato em Paris. Em junho, a companhia especializada em teatro de sombras levou Iara ao Festival do Imaginário. Agora, será a vez de apresentar a peça no Musée du Quai Branly, que guarda um acervo de 300 mil obras e é considerado o mais importante museu etnográfico da França. "Essa apresentação vai ser num espaço alternativo dentro do museu", explica Thiago Bresani, que fundou a companhia em 2008, junto com a argentina Soledad Garcia. "Iara se adapta bastante porque tem uma questão técnica mais fácil, a gente usa nossos projetores. A recepção do espetáculo na França foi muito interessante, muito aberta porque eles estão muito interessados na temática da Amazônia e na linguagem. É uma forma diferente de trabalhar o teatro de sombras contemporâneo."

Iara tem uma trajetória de 10 anos. Estreou em 2014 e é inspirado no mito amazônico da mulher sedutora que é metade peixe e metade gente. "É a gente adapta para essa linguagem mais teatral, do teatro de sombras, mais simbólica, quase sem palavras, universal. A gente não trabalha especificamente o mito de um povo ou etnia específica, buscamos várias referências e colocamos no espetáculo", avisa Bresani. A particularidade da Lumiato está em fazer uso com uma linguagem mais cinematográfica em um teatro de silhuetas e imagens que se aproxima do audiovisual. "Na França e na Espanha, eles trabalham um teatro de sombras mais tradicional, aquela forma chinesa de uma tela com silhuetas e luz fixa. Nós fazemos mais construção de imagens, edição de luz, com luzes móveis. É mais contemporâneo", garante o artista.

O Coletivo Instrumento do Ver e a Nós do Bambu vão participar de um mesmo festival em setembro, um evento organizado por La Grainerie, fábrica de circo sediada em Toulouse e conhecida pela experimentação circense e por produções que viajam o mundo. Como parte do Cirque de nous, projeto franco-brasileiro que tem parceria com o Festival de Circo do Brasil, as companhias brasileiras têm uma agenda que vai além dos espetáculos.

O Coletivo Instrumento de Ver desembarca em Toulouse com o espetáculo Assum preto, um show, uma mostra de curtas e uma exposição. "É um combo", brinca Maíra Moraes, integrante do coletivo. "Vai ser um evento bem característico do coletivo, com a multilinguagem e intersecção das linguagens artísticas." Inspirado na canção de mesmo nome assinada por Luiz Gonzaga e em Blackbird, de Nina Simone, Assum preto trata de questões afro-brasileiras e é baseado na trajetória de Marco Mota, integrante do coletivo que assina a pesquisa corporal da performance. "A gente achou que era uma boa representação, um bom lugar para falar de brasilidades. O espetáculo traz uma referência central no conceito de banzo que, na língua kikongo, significa pensamento ou memória, que é esse sentimento de nostalgia que tocou os negros escravizados que vieram para o Brasil ou nasceram aqui. É sobre essa memória apagada", explica Maíra.

A Nós do Bambu também vai além das artes do palco durante a estadia francesa na La Grainerie. Poema Mühlenberg vai fazer uma residência artística de duas semanas durante as quais vai aprimorar o espetáculo Sarayvara. A cada etapa do processo, ela fará apresentações pontuais do espetáculo, um solo de 2024 no qual a artista explora ao máximo a ideia minimalista de reduzir a cenografia a objetos que coubessem em uma mala. O bambu é a base de trabalho da companhia e em Sarayvara, o mais longo tem apenas 50cm de comprimento. "É a gente explora a dança contemporânea, acrobática, manipulação de objetos, equilíbrio de e sobre objetos e manipulação de formas animadas. Além do manto feito com mais ou menos 3 mil escamas de bambu, que é uma obra em si", conta Poema, que também vai dar aulas para alunos de uma escola de circo e apresenta O vazio é cheio de coisa na cidade de Saint-Céré.

### Divas brasileiras

Ligiana Costa mergulhou na vida de duas cantoras líricas brasileiras, negras, cujo

apagamento acabou por se sobrepôr ao sucesso. Joaquina Maria Lapinha viveu no século 18 e Maria da Aparecida morreu em 2017, depois de décadas como cantora de ópera em Paris. Espetáculo que mistura ópera e audiovisual, *Marias do Brasil: as vozes de Lapinha e Aparecida* estreou no Théâtre du Châtelet no início do mês e foi contemplado com crítica positiva no site da revista Forum Opéra. A apresentação fez parte de um convite de Ricardo Bernardes, fundador do Americanig Ensemble e criador do programa Ancien Brésil Brésil Nouveau, que faz parte do Ano Cultural Brasil-França.

Depois de fazer *O Guarani* com Ailton Krenak e de uma temporada na escola Julliard, em Nova York, Ligiana decidiu se dedicar mais ao trabalho de direção cênica e de musicologia, área na qual tem formação acadêmica. Quando descobriu as duas Marias, enxergou ali o potencial para um grande espetáculo. Maria da Aparecida cantou clássicos como *Carmen*, de Georges Bizet, mas também gravou com Baden Powell. Morreu em Paris praticamente anônima. "Ela nunca se naturalizou francesa e o corpo ficou dois meses esperando enterro, porque não tinha parentes. Isso fez com que muita gente que não a conhecia viesse a conhecê-la. E houve um movimento profundo de tentativa de resgate dela. A memória dela tem vindo à tona e é chocante pensar que essa mulher, com uma carreira tão invejável, não tenha sido lembrada e festejada no Brasil, porque poucas cantoras brasileiras negras fizeram a carreira que ela fez na Europa", explica Ligiana.

Nascida em Minas Gerais, Joaquina Maria Lapinha foi uma das primeiras cantoras líricas brasileiras de projeção internacional. Fez sucesso em Lisboa e no Rio de Janeiro, mas segundo alguns registros, precisava disfarçar a cor da pele para ser bem recebida. "Ela era a cantora de ópera mais importante do Brasil, aclamadíssima como cantora e atriz também. E é muito interessante essa correspondência entre a vida das duas. Esse trabalho se baseia no repertório das duas", conta a diretora.

Cantora e compositora, Ligiana encara *Marias do Brasil* como uma ponte entre o mundo da música e do teatro. "Tenho me interessado muito por linguagens híbridas entre ópera e teatro. São espetáculos de colagem entre repertórios distintos", diz. "E esse é um espetáculo lírico que ousa nomear de poético-documental, porque a temática é a vida e o repertório de duas cantoras líricas negras que existiram no Brasil."

Sarayvara Cia. Nós  
do Bambu Poema  
Mühlenberg

**E esse é um espetáculo lírico que ousa nomear de poético-documental, porque a temática é a vida e o repertório de duas cantoras líricas negras que existiram no Brasil.**  
**Ligiana Costa**, diretora do espetáculo *Marias do Brasil: as vozes de Lapinha e Aparecida*